

A DISCURSIVIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE CLASSE PELOS APARATOS DE SEGURANÇA NAS RESIDÊNCIAS EM *O SOM AO REDOR*

Mariana dos Santos Muneratti (PIC-UEM), Renata Marcelle Lara (Orientadora),
Thiago Henrique Ramari (Coorientador). E-mail: rmlara@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes/Teoria e Análise Linguística.

Palavras-chave: Cinema nacional. Discurso. Cidade.

RESUMO

O Projeto de Iniciação Científica (PIC-UEM), desenvolvido na abordagem da Análise de Discurso materialista, toma como material de observação o longa-metragem nacional *O Som ao Redor* (2013). Objetiva-se, assim, pesquisar o funcionamento dos aparatos de segurança residencial que discursivizam as relações/conflitos de classe entre os sujeitos do filme, na busca por responder de que forma tais aparatos discursivizam as relações/conflitos de classe entre os sujeitos na discursividade fílmica. Nos entrelaçamentos de Althusser, Orlandi e Mayol em meio ao percurso investigativo do *corpus*, trabalhamos com *fragmentos cênico-artístico* (Lara, 2023) que apontam para regularidades da vigilância entre os sujeitos, por meio dos aparatos de segurança, no *espaço-rua* como local de disputa e contradições sociais.

INTRODUÇÃO

Filme nacional dirigido e roteirizado por Kleber Mendonça Filho, *O Som ao Redor* (2013) retrata a vida e os conflitos cotidianos de moradores de uma rua, em um bairro de classe média, na cidade de Recife. Nesta rua, mora Francisco, um antigo senhor de engenho e latifundiário, que é proprietário da maior parte das residências dessa localidade, onde também vive e trabalha João, seu neto, que cuida da empresa imobiliária da família. A tensão neste espaço é intensificada com a chegada de um grupo de homens que querem prestar serviço de vigilância aos moradores. Entre as histórias que se entrecruzam, avistamos Bia, uma dona de casa que busca meios de lidar com os barulhos do cachorro do vizinho.

Alinhado ao escopo teórico-metodológico da Análise do Discurso materialista, o presente trabalho apresenta o percurso desenvolvido no Projeto de Iniciação Científica (PIC) que tematiza a discursivização das relações/conflitos de classe pelos aparatos de segurança nas residências do longa-metragem *O Som ao Redor* (2013). Tais aparatos se referem, nesta pesquisa, a mecanismos de vigilância que os moradores da rua utilizam para se proteger. Pelo funcionamento da repetição

discursiva, observamos que eles se organizam em três tipos: aparatos de segurança convencionais, não-convencionais e na forma de sujeitos-*vigilantes*. Ao mesmo tempo, tais aparatos se individualizam e se entrelaçam. Quando citamos sujeitos como aparatos de segurança, nos referimos a determinados sujeitos que ocupam um lugar social (auto)autorizado e/ou autoritário de dominância em relação aos outros.

Os aparatos convencionais compreendem objetos simbólicos como grades das residências, sensores de movimento, câmeras, portões, alarmes, muros, armas e animais (cachorro), tendo como principal função, a priori, a proteção da propriedade vigiada e dos moradores que ali habitam. No funcionamento imaginário do/no social, também é convencional o serviço de vigilância oferecido por sujeitos vigias que se inscrevem na localidade, supostamente, para oferecer/vender proteção às propriedades e aos moradores da rua.

João e Francisco são classificados como aparatos não-convencionais, enquanto sujeitos-*vigilantes*, pois eles não detém, tampouco representam, uma empresa de vigilância para prestar serviço naquela localidade. No entanto, como Francisco detém a maior parte dos imóveis nesse *espaço-rua*, exerce, com o auxílio do neto, a função de vigilância/controle dos imóveis e dos moradores, como alguém de autoridade. Na condição de aparatos de segurança, portanto, Francisco e João tentam normatizar/normalizar o espaço e os sujeitos que ali habitam, sustentados no/pelo *discurso urbano* (Orlandi, 2004), de forma que os administram e organizam. Sabem os horários dos moradores, vigiam a rua para que sua estrutura urbana não abra *falhas*, assim silenciando o *real da cidade*. Como Orlandi (2004, p.31) explica, “[...] o silenciamento vem pelo discurso do (sobre o) urbano, saturando as falhas desse espaço, os equívocos, os possíveis sentidos da cidade” – o seu real. Ao mesmo tempo, os sujeitos outros que se inserem na rua, supostamente oferecendo serviço de segurança local, se infiltram nesse espaço para vigiar a movimentação de Francisco e dos demais moradores, em busca de “acerto de contas” do passado.

Ainda para medidas de segurança, os moradores utilizam também aparatos materiais não-convencionais, como esperar uma autorização de Francisco para contratar os serviços de tais vigias (infiltrados na rua), e de objetos simbólicos outros, aqueles cuja finalidade de criação não é para a proteção de uma pessoa ou residência, mas que os sujeitos deslocam para tal fim, como bombinhas, soníferos, e aparelhos antilátidos.

A escolha de *O Som ao Redor* (2013) para a pesquisa ocorreu após a realização de um tateamento analítico-discursivo que deu a ver a rua retratada como um espaço de convívio social de sujeitos, em meio a relações de força, separada dos espaços privados pelos aparatos de segurança e desconfianças mútuas. De forma central, portanto, o estudo objetiva pesquisar o funcionamento dos aparatos de segurança residencial que discursivizam as relações/conflitos de classe entre os sujeitos no material de análise fílmico. Nessa proposta, buscamos, assim, de forma específica: compreender o discurso da/na cidade e, por extensão, do/no *espaço-rua* como constitutivo do sujeito urbano em *O Som ao Redor*; descrever/interpretar o *espaço-rua*, no contexto da Recife contemporânea retratada no filme, compreendendo-o como espaço simbólico de conflitos e disputas; problematizar, pela abordagem

althusseriana, as relações de classe, bem como os conflitos que permeiam a formação social na materialidade fílmica; analisar materialmente os mecanismos verbo-visuais que põem em relação discursiva os aparatos de segurança, o *espaço-rua* e os sujeitos que ali vivem.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa é norteada pela pergunta discursiva que indaga de que forma os aparatos de segurança nas residências discursivizam as relações/conflitos de classe entre os sujeitos. A configuração no *corpus* de análise se dá por *fragmentos cênico-artísticos* que foram apontando para a regularidade da vigilância entre os sujeitos, mediada por aparatos de segurança. Observa-se que essa regularidade dá a ver uma ameaça iminente, como efeito de ameaça, advinda da relação com um sujeito outro, sendo que há sempre algo que se apresenta como prestes a explodir. Então o morador com uma câmera residencial observa o vigia que olha a rua; a vizinha que se incomoda com os latidos do cachorro do vizinho, que poderia avisar sobre uma ameaça, compra um aparelho para que ele pare de latir. Isso dá a ver as contradições do social, que acontecem por meio dos aparatos, disputas essas impostas no *espaço-rua*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na/pela investigação do *corpus*, vemos que os conflitos se inflamam nesse espaço simbólico que é a rua, administrada no discurso urbano pelos mecanismos de coerção *lógico-disjuntiva*, que “naturalizam”, por exemplo, a impossibilidade de determina pessoa ser “casada e solteira”, ter diploma e não ter, conforme esclarece Pêcheux (2008, p. 30) quanto a tal funcionamento. Assim, o vigia, no *mundo semanticamente normal* problematizado na teoria pecheutiana, nunca seria bandido, como o vizinho que é parceiro nunca iria atacar o seu semelhante. Dando a ver o real da cidade, tomada em contradições, por meio de seus *flagrantes* (Orlandi, 2004), *O Som ao Redor* desestabiliza o estabilizado no social, tensionando relações normalizadas/normatizadas: os vigias, bem como Francisco, são, ao mesmo tempo, proteção e ameaça, assim como os vizinhos são semelhantes e rivais, em meio a disputas e conflitos de classe.

Observa-se, assim, como esta rua, que é um espaço de transição e convivência, é, sobretudo, também, um espaço de conflito, onde moram sujeitos urbanos de classes sociais diferentes. Com Althusser (1980, p. 36), compreendemos que “toda a luta de classes política gira em torno do Estado”, e da disputa de classes pelo Estado. Estado esse que tem instituições que ensinam saberes práticos para que se assegure uma submissão à ideologia dominante. Estas relações de força já estão impostas naquele espaço, e no discurso daquela rua.

Os bairros seguem uma organização social diferente de um para o outro, conforme o cotidiano e classe dos moradores. É uma aproximação não por escolha ou afeto, mas por dividir sempre o mesmo local, sendo que acontece o mesmo nas ruas. “O bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social ou,

noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição” (Mayol, 2013, p.39). Nele, ou mais especificamente na rua, há relações de disputa e conflitos entre os moradores, mas que pela proximidade física, se tem uma convivência, ficando velados os conflitos, ao mesmo tempo, imersos pela necessidade de inúmeros meios de proteção.

Com todos estes contornos e entremeios de estudos, chegamos à formulação *espaço-rua*, onde sujeitos simbólicos, investidos de sentidos, que percorrem os espaços citadinos e assim o *espaço-rua*, significam-se e são significados. Esse espaço é de disputa e de contradições sociais, exposto a *flagrantes* que deslizam na contramão do *mundo semanticamente normal*, estando intrinsecamente ligado às relações de força, e que são dadas a ver pela quantidade de aparatos de segurança.

CONCLUSÕES

A regularidade das vigilâncias e ataques entre os sujeitos, por meio dos seus aparatos de segurança, acontece pelas desconfianças entre os moradores no *espaço-rua*. Para além de um local empírico, a rua é um espaço simbólico, formado por relações tensas, disputas de poderes e sentidos, e que funcionam por meio da contradição que é constitutiva do funcionamento do social. Por mais que tente, no/pelo discurso urbano, normatizar/normalizar as relações sociais ali tecidas, as disputas/conflitos de classe sempre vão aparecer pelos *flagrantes*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Renata Marcelle Lara pelas orientações e ao Prof. Thiago Henrique Ramari por coorientar esta pesquisa, além de todo apoio e incentivo que me deram no período de vigência do PIC. Também ao GPDISCMIÍDIA-CNPq/UEM.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

LARA, R. M. O grito das imagens em corpos que sangram. **Revista Línguas & Letras**, Cascavel, v. 24, n. 56, p. 5-26, 2023. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/issue/view/1492>. Acesso em: 7 ago. 2025.

MAYOL, P. Morar. In: CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 2. p. 37-45.

ORLANDI, E. P. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

34º Encontro Anual de Iniciação Científica
14º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



12 e 13 de novembro de 2025

PÊCHEUX, M. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.